

Continue



























[illegible]



[illegible]



[illegible]



produção baseado na exploração e opressão. Intencionalmente ou não, são resistências, produções de vida. Mas também são exercícios de poder, de dominação. O poder se dá na relação e, para todos estes que transgridem a norma, há efeitos sérios: processos de renormalização, de exclusão e de eliminação. Para Baptista (1999), diversos especialistas constroem teorias, ideias e conceitos sobre determinadas categorias de sujeitos, divulgadas amplamente na mídia, e exercidas em diferentes práticas. Falas que no fim, há a figura da "criança masturbadora", e tomam a diferença como uma carência, algo negativo, envolve exclusivamente a família burguesa entendida que necessita de um filho para manter o status social. E os outros? Os outros são vistos como "doentes mentais". E os outros não têm olhos, possui alguns aliados, agindo sem rostos que preparam o solo para esses sinistros atos. Sem cara ou personalidade, podem ser encontrados em discursos, textos, falas, modos de viver, modos de pensar que circulam entre famílias, jornalistas, profetores, artistas, padres, psicanalistas, etc. Destituídos de aparente crueldade, tais aliados amolam a face e enfraquecem a vítima, reduzendo-a a pobre cotidiano, cúmplice do ato, carente de cuidado, fraco e estranho a nós, estranho a uma condição humana plenamente viva (Baptista, 1999, p.46). Os amoladores de facas, dão o autor, "à semelhança dos cortadores de membros, fragmentam a violência na cotidianeidade, remetendo-a a particularidades, a casos individuais" (Baptista, 1999, p.46). Onde estarão, pergunta ele, os amoladores de facas? E continua: Já que invisíveis no dia a dia, a presença desses aliados é difícil de detectar. A ação desse discurso é microscópica, complacente e cuidadosa. Não segue as regras dos torturadores, que reprimem e usam a dor. Ávidos por criarem perguntas e respostas livres, por criar problemas e soluções, onde defendam um humanismo que preencha o vazio de um homem fraco e sem força, um homem angustiado e perplexo, necessitado de tutela" (Baptista, 1999, p.48). O que tem em comum, afinal, os amoladores de facas? Apontar o preconceito seria uma ingenuidade decorada, uma análise que justificaria e legitimaria a violência. Como então entender a existência de indivíduos que vivem sob a ameaça constante de serem mortos? Ou seja, como explicar a existência de indivíduos que vivem sob a ameaça constante de serem mortos? Ou seja, como explicar a existência de indivíduos que vivem sob a ameaça constante de serem mortos? Ou seja, como explicar a existência de indivíduos que vivem sob a ameaça constante de serem mortos?

O caráter pleno de luta política e da afirmação de modos singulares de existir" (Baptista, 1999, p.49) situação cotidiana de violência e exclusão de modos de existência? Perguntem-nos, recorrentemente: que efeitos têm sido produzidos em nossos cotidianos? Que sujeitos, saberes e objetos – os quais não existem em si – estamos o tempo todo produzindo? E preciso colocar em análise nossas práticas, discutindo que psicólogos estamos produzindo e que sabemos estamos perpetuando. Recusamos, aqui, a perspectiva que incompatibiliza psicologia e política, um tipo hegemônico de racionalidade que impõe a oposição dicotômica entre teoria e prática, ciência e ideologia. Habitualmente, intervir com psicólogo pressupõe analisar um território individual, interiorizado ou, no máximo, circunscrito a relações interpessoais, transferindo as produções políticas, sociais e econômicas ao campo de estudos de um "outro especialista". "São exteriores à realidade psíquica", talvez seja esse o argumento. Tentar percorrer outros caminhos e recusar esse destino, lançando mão de uma "caixa de ferramentas" teórico-conceitual foi (é) o desafio. Recusar o lugar de "ortopedista social", com seus saberes prontos em planejamentos metodológicos assépticos, mesmo sabendo que números vazios (somos) capturados pelo efeito positivista. Nossas práticas envolvem uma concepção de mundo que não se resume a uma caixa de ferramentas, mas que busca compreender a complexidade da realidade humana, buscando construir um mundo comum? Que esta pergunta nunca deixe de ser feita, em qualquer intervenção que construimos como lugares a serem ocupados? E Por que trazer para uma discussão sobre direitos que, assim, a Psicologia, esteja a prática da escola, humanos e movimentos sociais o conceito de da justiça ou do trabalho, constitua-se como uma amoladora de facas? Porque para além da questão Psicologia do Comum, da criminalização está a pergunta: "onde estão essas práticas que amolam facas"? E em que sentido a prática de amolar facas são práticas que vão de encontro a práticas de direitos humanos? Quem são os amoladores de facas? E, ainda, em quais momentos amolamos facas? O que fazer para modificar a GI? Que este seja o sentido de uma Psicologia, de fato, articulada aos movimentos sociais. E que sirva para, no interior da própria epistemologia, da construção do saber psicológico, revolucionar nossas ordens e constituir, de dentro, como um movimento social. Movimento que opere revoluções drásticas ao que hegemonicamente temos construído. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: Agamben, G. (2004). Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG. Foucault, M. (2001). Os Anormais. São Paulo: Martins Fontes. Foucault, M. (2002). Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes. Foucault, M. (2005). Vigiar e punir. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2007). O nascimento da clínica. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2008). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2009). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2010). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2011). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2012). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2013). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2014). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2015). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2016). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2017). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2018). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2019). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2020). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2021). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2022). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2023). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2024). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras. Foucault, M. (2025). O poder do psiquiatra. São Paulo: Companhia das Letras.

Federal de Psicologia. Psicologia e Direitos Humanos – Práticas Psicológicas: Neves, C.E.A.B. (2002). Interferir entre desejo e capital. Compromissos e Comprometimentos. São Paulo: Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Casa do Psicólogo. Baptista, L.A. (1999) A arte, o padre e a psicanalista – Revel J. (2005). Michel Foucault: conceitos essenciais. os amoladores de facas. In Baptista, L.A. Cidade dos São Carlos: Claraluz. Sábios. São Paulo: Summus. Touraine, A. (1973). La production de la société. Paris: Baratta, A. (2013). Criminologia Crítica e Crítica do Edições de Seuil. Direito Penal. Rio de Janeiro: Revan. Touraine, A. (1976). Em defesa da Sociologia. Rio de Canguilhem, G. (1972). O que é a Psicologia. Rio de Janeiro: Zahar. Canguilhem, G. Epistemologia. Rio de Janeiro: Tempo Trindade. J.D.L. (2002). História Social dos Direitos Brasileiros. Humanos. São Paulo: Fundação Petrópolis. Conselho Federal de Psicologia. (2004). Os Direitos Humanos e a formação profissional dos psicólogos. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Deleuze, G. (1992). Michel Foucault. In Deleuze, G. Conversações. São Paulo: Ed. 34. Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). Tratado de Nomadologia: a Máquina de Guerra. In Deleuze, G. & Guattari, F. Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Ed. 34. Dornelles, J. (1988). O que é crime? São Paulo: Companhia das Letras. Pineda, R. (2005). A ética da pesquisa em psicologia. In Pineda, R. (org.) Ética da Pesquisa em Psicologia. São Paulo: Alameda. Puebla. (BUAP- generación pensamiento del eudemonismo, es decir la teoría sobre la felicidad. El pensamiento sobre la ética, es 85-90.), bastante simple, dice así: "Una acción es correcta si En su titulación le otorgaron me hace feliz." "Una acción es incorrecta si no hace mención honorífica por feliz" procurar nuestra felicidad, su excelente desempeño Hay que diferenciar dos teorías éticas: profesional. La teoría Teleológica.- con las que se basan en la Cuenta con la maestría en bondad tomada de las acciones y las consecuencias práctica familiar y pareja que se tienen y, en el Instituto Cristo Cuernavaca, Morelos. Centro de formación de Éticas Deontológicas.- que plantean que una acción analizada por la propia acción en si. Por ejemplo la terapeutas más importante de México, teoría de Immanuel Kant es deontológica, plantea Especialista en temas de educación universitaria y de que "la acción es lo único que debemos de tener presente, a la hora de analizar si la acción es correcta la sexualidad humana, o incorrecta Tiene entrenamiento en hipnosis, programación En cambio el pensamiento de Aristóteles considera neurolingüística (PNL) y en psicoespiritualidad un acción es correcta si como consecuencia de esta Perito y evaluador psicológico para casos de divorcio, acción, consigue la felicidad, tutela de menores, problemas escolares, penales. Se trata de una ética

[illegible][illegible]



...trascenidos en los intentos de lograr un embarazo biológico. El tiempo de espera prolongándose a medida que se expanden nuevos procedimientos que aumentan el porcentaje de expectativa de una gestación asistida, tales como la ova y espermodonación. Problemáticas de mayor presencia en la clínica por la postergación de la edad de la mujer, la infertilidad, la radical inexistencia del instituto maternal/paternal y ciertas ideologías y acontecimientos epocales que refuerzan el valor de la sangre. En las vicisitudes de la filiación se activan múltiples procesos y es en ese momento de las familias que la convivencia constituye uno de los centros ineludibles. Por lo demás, entre adultos y niños, la dependencia es mutua desde el inicio de la vida. La denominada "asimetría" inicial, ligada al diferente grado de conformación subjetiva que otorga al adulto poder y responsabilidad, no implica desigualdad jerárquica ni anula la bidireccionalidad. También el hijo, por su profunda significación ligada al amor y al narcisismo parental, detenta desde el inicio el poder de hacer sufrir al adulto, formulándolo en términos de Pierra Aulagnier. (Aulagnier, 1980) Aquí estamos en uno de los nudos que hacen a la temática de la familia desde la mirada psicoanalítica, su papel, complejo y no lineal, en la construcción de subjetividad, de unos y otros, sí, reitero, de unos y otros, de unos entre otros, ya que los psiquismos adultos fluyen y se transforman, y se construyen/destruyen a lo largo del ciclo vital. Y el procesamiento de la filiación es solamente una cara de un complejo camino que mirado desde otros ángulos podría verse como procesamiento de la parentalidad. Es decir, devenir hijo se da en simultaneidad con otros que devienen madre, padre, hermano, abuelo, para atenernos a las denominaciones tradicionales, que pueden vivir transformaciones múltiples. 91 El valor de la consanguineidad: la cuestión de las tecnologías, el cuerpo como centro, el biopoder. La emergencia del biopoder, que coloca a la medicina en un puesto central en nuestra sociedad, implica nuevas formas de normatividad que organizan la vida de los habitantes del mercado. Esto se entretiene con desarrollos tecnológicos que habilitan transformaciones corporales, inéditas formas de conexión con otros. La cuestión es que una vez que las tecnologías se hicieron posibles tendieron a convertirse en imperativo. (Benayag, del rey, 2012) Poco a poco las tecnologías se fueron haciendo indispensables. En la actualidad, la tecnología de la reproducción asistida, tan ligada a la temática de la sangre que hoy nos ocupa. Las temáticas de la adopción, de amplios desarrollos psicoanalíticos entre nosotros. En Argentina, destacare los trabajos pioneros de Eva Giberti. (Giberti, 1998) han considerado hace tiempo ya los duelos por la parentalidad biológica y el sentido de la filiación como hecho de cultura, no de sangre. Aora bien, ¿cómo no recurrir a la reproducción asistida si esta existe y da ciertos porcentajes de lograr el soñado hijo biológico? es posible recurrir, hay que recurrir, deseo recurrir. ¿Hasta cuándo? Por otra parte, en una sociedad que tiende cada vez más a pensar en las condiciones genéticas y neurobiológicas como condicionante casi exclusivo de las patologías, se refuerzan los temores en relación con el linaje genético del hijo no biológico ¿Cómo dejar de lado el cuerpo en un mundo que lo ha situado como nuevo centro, pese a paradigmas complejos que ponen en juego la idea de una simultaneidad de condiciones operantes en la conformación de la subjetividad? Y todo esto aparece con intensidad y a modo de obstáculo en la clínica de la adopción y de la ova y espermodonación. Con frecuencia, los tratamientos de fertilización son exitosos y dan inmensas alegrías a quienes recurren a la tecnología por multiplicidad de problemas que obstaculizaban la concepción. Pero cuando las técnicas no operan satisfactoriamente ¿hasta cuándo proseguir con ellos? En algunos casos, la reiteración durante años de estos procedimientos sin éxito perpetúa una situación de duelo periódico, a veces con tendencia a la cronificación, ligado a verdaderas situaciones depresivas que afectan las subjetividades y el vínculo de pareja, si lo hay. En un artículo clásico sobre el tema del "deseo de hijo", escrito cuando el Psicoanálisis tenía sus primeros encuentros con las tecnologías de reproducción asistida, Aulagnier decía: "Renunciar al deseo es el equivalente de una muerte psíquica pero no poder aceptar los límites que encontrará su realización puede conducir en un resultado equivalente catastrófico". (Aulagnier, 1992). En la actualidad, la tecnología de la reproducción asistida, tan ligada a la temática de la sangre que hoy nos ocupa. Las temáticas de la adopción, de amplios desarrollos psicoanalíticos entre nosotros. En Argentina, destacare los trabajos pioneros de Eva Giberti. (Giberti, 1998) han considerado hace tiempo ya los duelos por la parentalidad biológica y el sentido de la filiación como hecho de cultura, no de sangre. Aora bien, ¿cómo no recurrir a la reproducción asistida si esta existe y da ciertos porcentajes de lograr el soñado hijo biológico? es posible recurrir, hay que recurrir, deseo recurrir. ¿Hasta cuándo? Por otra parte, en una sociedad que tiende cada vez más a pensar en las condiciones genéticas y neurobiológicas como condicionante casi exclusivo de las patologías, se refuerzan los temores en relación con el linaje genético del hijo no biológico ¿Cómo dejar de lado el cuerpo en un mundo que lo ha situado como nuevo centro, pese a paradigmas complejos que ponen en juego la idea de una simultaneidad de condiciones operantes en la conformación de la subjetividad? Y todo esto aparece con intensidad y a modo de obstáculo en la clínica de la adopción y de la ova y espermodonación. Con frecuencia, los tratamientos de fertilización son exitosos y dan inmensas alegrías a quienes recurren a la tecnología por multiplicidad de problemas que obstaculizaban la concepción. Pero cuando las técnicas no operan satisfactoriamente ¿hasta cuándo proseguir con ellos? En algunos casos, la reiteración durante años de estos procedimientos sin éxito perpetúa una situación de duelo periódico, a veces con tendencia a la cronificación, ligado a verdaderas situaciones depresivas que afectan las subjetividades y el vínculo de pareja, si lo hay. En un artículo clásico sobre el tema del "deseo de hijo", escrito cuando el Psicoanálisis tenía sus primeros encuentros con las tecnologías de reproducción asistida, Aulagnier decía: "Renunciar al deseo es el equivalente de una muerte psíquica pero no poder aceptar los límites que encontrará su realización puede conducir en un resultado equivalente catastrófico". (Aulagnier, 1992). En la actualidad, la tecnología de la reproducción asistida, tan ligada a la temática de la sangre que hoy nos ocupa. Las temáticas de la adopción, de amplios desarrollos psicoanalíticos entre nosotros. En Argentina, destacare los trabajos pioneros de Eva Giberti. (Giberti, 1998) han considerado hace tiempo ya los duelos por la parentalidad biológica y el sentido de la filiación como hecho de cultura, no de sangre. Aora bien, ¿cómo no recurrir a la reproducción asistida si esta existe y da ciertos porcentajes de lograr el soñado hijo biológico? es posible recurrir, hay que recurrir, deseo recurrir. ¿Hasta cuándo? Por otra parte, en una sociedad que tiende cada vez más a pensar en las condiciones genéticas y neurobiológicas como condicionante casi exclusivo de las patologías, se refuerzan los temores en relación con el linaje genético del hijo no biológico ¿Cómo dejar de lado el cuerpo en un mundo que lo ha situado como nuevo centro, pese a paradigmas complejos que ponen en juego la idea de una simultaneidad de condiciones operantes en la conformación de la subjetividad? Y todo esto aparece con intensidad y a modo de obstáculo en la clínica de la adopción y de la ova y espermodonación. Con frecuencia, los tratamientos de fertilización son exitosos y dan inmensas alegrías a quienes recurren a la tecnología por multiplicidad de problemas que obstaculizaban la concepción. Pero cuando las técnicas no operan satisfactoriamente ¿hasta cuándo proseguir con ellos? En algunos casos, la reiteración durante años de estos procedimientos sin éxito perpetúa una situación de duelo periódico, a veces con tendencia a la cronificación, ligado a verdaderas situaciones depresivas que afectan las subjetividades y el vínculo de pareja, si lo hay. En un artículo clásico sobre el tema del "deseo de hijo", escrito cuando el Psicoanálisis tenía sus primeros encuentros con las tecnologías de reproducción asistida, Aulagnier decía: "Renunciar al deseo es el equivalente de una muerte psíquica pero no poder aceptar los límites que encontrará su realización puede conducir en un resultado equivalente catastrófico". (Aulagnier, 1992). En la actualidad, la tecnología de la reproducción asistida, tan ligada a la temática de la sangre que hoy nos ocupa. Las temáticas de la adopción, de amplios desarrollos psicoanalíticos entre nosotros. En Argentina, destacare los trabajos pioneros de Eva Giberti. (Giberti, 1998) han considerado hace tiempo ya los duelos por la parentalidad biológica y el sentido de la filiación como hecho de cultura, no de sangre. Aora bien, ¿cómo no recurrir a la reproducción asistida si esta existe y da ciertos porcentajes de lograr el soñado hijo biológico? es posible recurrir, hay que recurrir, deseo recurrir. ¿Hasta cuándo? Por otra parte, en una sociedad que tiende cada vez más a pensar en las condiciones genéticas y neurobiológicas como condicionante casi exclusivo de las patologías, se refuerzan los temores en relación con el linaje genético del hijo no biológico ¿Cómo dejar de lado el cuerpo en un mundo que lo ha situado como nuevo centro, pese a paradigmas complejos que ponen en juego la idea de una simultaneidad de condiciones operantes en la conformación de la subjetividad? Y todo esto aparece con intensidad y a modo de obstáculo en la clínica de la adopción y de la ova y espermodonación. Con frecuencia, los tratamientos de fertilización son exitosos y dan inmensas alegrías a quienes recurren a la tecnología por multiplicidad de problemas que obstaculizaban la concepción. Pero cuando las técnicas no operan satisfactoriamente ¿hasta cuándo proseguir con ellos? En algunos casos, la reiteración durante años de estos procedimientos sin éxito perpetúa una situación de duelo periódico, a veces con tendencia a la cronificación, ligado a verdaderas situaciones depresivas que afectan las subjetividades y el vínculo de pareja, si lo hay. En un artículo clásico sobre el tema del "deseo de hijo", escrito cuando el Psicoanálisis tenía sus primeros encuentros con las tecnologías de reproducción asistida, Aulagnier decía: "Renunciar al deseo es el equivalente de una muerte psíquica pero no poder aceptar los límites que encontrará su realización puede conducir en un resultado equivalente catastrófico". (Aulagnier, 1992). En la actualidad, la tecnología de la reproducción asistida, tan ligada a la temática de la sangre que hoy nos ocupa. Las temáticas de la adopción, de amplios desarrollos psicoanalíticos entre nosotros. En Argentina, destacare los trabajos pioneros de Eva Giberti. (Giberti, 1998) han considerado hace tiempo ya los duelos por la parentalidad biológica y el sentido de la filiación como hecho de cultura, no de sangre. Aora bien, ¿cómo no recurrir a la reproducción asistida si esta existe y da ciertos porcentajes de lograr el soñado hijo biológico? es posible recurrir, hay que recurrir, deseo recurrir. ¿Hasta cuándo? Por otra parte, en una sociedad que tiende cada vez más a pensar en las condiciones genéticas y neurobiológicas como condicionante casi exclusivo de las patologías, se refuerzan los temores en relación con el linaje genético del hijo no biológico ¿Cómo dejar de lado el cuerpo en un mundo que lo ha situado como nuevo centro, pese a paradigmas complejos que ponen en juego la idea de una simultaneidad de condiciones operantes en la conformación de la subjetividad? Y todo esto aparece con intensidad y a modo de obstáculo en la clínica de la adopción y de la ova y espermodonación. Con frecuencia, los tratamientos de fertilización son exitosos y dan inmensas alegrías a quienes recurren a la tecnología por multiplicidad de problemas que obstaculizaban la concepción. Pero cuando las técnicas no operan satisfactoriamente ¿hasta cuándo proseguir con ellos? En algunos casos, la reiteración durante años de estos procedimientos sin éxito perpetúa una situación de duelo periódico, a veces con tendencia a la cronificación, ligado a verdaderas situaciones depresivas que afectan las subjetividades y el vínculo de pareja, si lo hay. En un artículo clásico sobre el tema del "deseo de hijo", escrito cuando el Psicoanálisis tenía sus primeros encuentros con las tecnologías de reproducción asistida, Aulagnier decía: "Renunciar al deseo es el equivalente de una muerte psíquica pero no poder aceptar los límites que encontrará su realización puede conducir en un resultado equivalente catastrófico". (Aulagnier, 1992). En la actualidad, la tecnología de la reproducción asistida, tan ligada a la temática de la sangre que hoy nos ocupa. Las temáticas de la adopción, de amplios desarrollos psicoanalíticos entre nosotros. En Argentina, destacare los trabajos pioneros de Eva Giberti. (Giberti, 1998) han considerado hace tiempo ya los duelos por la parentalidad biológica y el sentido de la filiación como hecho de cultura, no de sangre. Aora bien, ¿cómo no recurrir a la reproducción asistida si esta existe y da ciertos porcentajes de lograr el soñado hijo biológico? es posible recurrir, hay que recurrir, deseo recurrir. ¿Hasta cuándo? Por otra parte, en una sociedad que tiende cada vez más a pensar en las condiciones genéticas y neurobiológicas como condicionante casi exclusivo de las patologías, se refuerzan los temores en relación con el linaje genético del hijo no biológico ¿Cómo dejar de lado el cuerpo en un mundo que lo ha situado como nuevo centro, pese a paradigmas complejos que ponen en juego la idea de una simultaneidad de condiciones operantes en la conformación de la subjetividad? Y todo esto aparece con intensidad y a modo de obstáculo en la clínica de la adopción y de la ova y espermodonación. Con frecuencia, los tratamientos de fertilización son exitosos y dan inmensas alegrías a quienes recurren a la tecnología por multiplicidad de problemas que obstaculizaban la concepción. Pero cuando las técnicas no operan satisfactoriamente ¿hasta cuándo proseguir con ellos? En algunos casos, la reiteración durante años de estos procedimientos sin éxito perpetúa una situación de duelo periódico, a veces con tendencia a la cronificación, ligado a verdaderas situaciones depresivas que afectan las subjetividades y el vínculo de pareja, si lo hay. En un artículo clásico sobre el tema del "deseo de hijo", escrito cuando el Psicoanálisis tenía sus primeros encuentros con las tecnologías de reproducción asistida, Aulagnier decía: "Renunciar al deseo es el equivalente de una muerte psíquica pero no poder aceptar los límites que encontrará su realización puede conducir en un resultado equivalente catastrófico". (Aulagnier, 1992). En la actualidad, la tecnología de la reproducción asistida, tan ligada a la temática de la sangre que hoy nos ocupa. Las temáticas de la adopción, de amplios desarrollos psicoanalíticos entre nosotros. En Argentina, destacare los trabajos pioneros de Eva Giberti. (Giberti, 1998) han considerado hace tiempo ya los duelos por la parentalidad biológica y el sentido de la filiación como hecho de cultura, no de sangre. Aora bien, ¿cómo no recurrir a la reproducción asistida si esta existe y da ciertos porcentajes de lograr el soñado hijo biológico? es posible recurrir, hay que recurrir, deseo recurrir. ¿Hasta cuándo? Por otra parte, en una sociedad que tiende cada vez más a pensar en las condiciones genéticas y neurobiológicas como condicionante casi exclusivo de las patologías, se refuerzan los temores en relación con el linaje genético del hijo no biológico ¿Cómo dejar de lado el cuerpo en un mundo que lo ha situado como nuevo centro, pese a paradigmas complejos que ponen en juego la idea de una simultaneidad de condiciones operantes en la conformación de la subjetividad? Y todo esto aparece con intensidad y a modo de obstáculo en la clínica de la adopción y de la ova y espermodonación. Con frecuencia, los tratamientos de fertilización son exitosos y dan inmensas alegrías a quienes recurren a la tecnología por multiplicidad de problemas que obstaculizaban la concepción. Pero cuando las técnicas no operan satisfactoriamente ¿hasta cuándo proseguir con ellos? En algunos casos, la reiteración durante años de estos procedimientos sin éxito perpetúa una situación de duelo periódico, a veces con tendencia a la cronificación, ligado a verdaderas situaciones depresivas que afectan las subjetividades y el vínculo de pareja, si lo hay. En un artículo clásico sobre el tema del "deseo de hijo", escrito cuando el Psicoanálisis tenía sus primeros encuentros con las tecnologías de reproducción asistida, Aulagnier decía: "Renunciar al deseo es el equivalente de una muerte psíquica pero no poder aceptar los límites que encontrará su realización puede conducir en un resultado equivalente catastrófico". (Aulagnier, 1992). En la actualidad, la tecnología de la reproducción asistida, tan ligada a la temática de la sangre que hoy nos ocupa. Las temáticas de la adopción, de amplios desarrollos psicoanalíticos entre nosotros. En Argentina, destacare los trabajos pioneros de Eva Giberti. (Giberti, 1998) han considerado hace tiempo







[illegible]



[illegible]



La estrategia y modelo teórico que fundamentan la intervención, c) presentación de resultados de evaluación de la experiencia en cohortes 2014-2015. Contextualización de la educación superior en Chile La masificación creciente del sistema universitario en Chile ha implicado que en los últimos 20 años se haya triplicado el número de matriculados en la educación superior, contando con 1.144.604 estudiantes matriculados en el año 2014 (SIES, 2015). Esta realidad responde a políticas educativas tendientes a mejorar el acceso de los jóvenes a la educación superior (Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo, 2006), otorgando posibilidad de acceso a estudiantes provenientes de los quintiles más bajos, especialmente en las universidades privadas del país (OCDE, 2009a), posibilitando que la educación terciaria aumente la diversidad de estudiantes, con distintas potencialidades y de diversos niveles socioeconómico (NSE) (Arancibia, S., Rodríguez, C., Fritiz, R., Tenorio, N. y Poblete, H., 2013). Este aumento de matrícula representa un gran avance para el país, entendiendo que el acceso a la educación permite tener una población más educada y con mejor desarrollo de capital social y cultural. Sin embargo abre nuevos desafíos a las instituciones que han visto en cuestión sus prácticas históricas de enseñanza-aprendizaje, al encontrarse frente a la diversidad de estudiantes, con historias de aprendizaje distintas de aquellas de los estudiantes que ingresaban con anterioridad a 1980 y especialmente, antes de 1980 en que comienzan a surgir las universidades privadas. (PNUEC - Gobierno de Chile, Ministerio de Educación 2005). La heterogeneidad de la población estudiantil, ha obligado a las instituciones a hacerse cargo del desafío de brindar una educación superior que permita el acceso a la educación superior, pero también a la diversidad de estudiantes, con distintas historias de aprendizaje, con distintas historias de vida, con distintas historias de acceso a la educación superior, sino en general estrategias educativas que posibiliten la mantención y el éxito de los estudiantes 199 en su trayectoria formativa, acordes con el derecho de cada persona a tener acceso a la educación terciaria (UNESCO/IESALC, 2008) y en este sentido enfrentar el desafío de generar apoyo y acompañamiento académico para alumnos en dificultades (Espinoza, González, 2010), destinados a permitir su permanencia y buen desempeño en los sistemas. Lemaître (1998) señala que los estudiantes que ahora tienen acceso a la universidad y que se suman a los que tradicionalmente han ingresado carecen de una cultura adecuada a los estudios superiores y de los recursos mínimos de aprendizaje. Es probable que ello se relacione con dos de los problemas presentes en el sistema universitario que son los bajos niveles de permanencia de los estudiantes por deserción y las bajas tasas de graduación / titulación. El índice de deserción para el año 2013 era de un 25% en estudiantes de primer año (SIES, 2015). Esta realidad pone en tensión tanto los intereses de las instituciones de educación superior como el de los estudiantes y sus familias, puesto que la deserción tiene implicancias sociales en términos de las expectativas de los estudiantes y sus familias; implicancias emocionales por la disonancia entre las aspiraciones de los jóvenes y sus logros; y también importantes consecuencias económicas tanto para las personas como para el sistema en su conjunto. (González, 2005). Las instituciones de educación superior deben hacer esfuerzo adicionales para incluir e insertar a esta nueva población estudiantil, con medidas que van desde sistema de becas dirigidos hacia sectores sociales más vulnerables, hasta la implementación de estrategias de apoyo académico y psicológico a los estudiantes. En este sentido, la intervención que se plantea en este artículo, busca caracterizar las historias de vida de los estudiantes que ingresan a la educación superior, con el fin de identificar las debilidades que los nuevos estudiantes tienen y así poder diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico, considerando la multiplicidad de factores que influyen en el desempeño de los estudiantes. (Braxton, Johnson y Shown Sullivan 1997). En MINEDUC - Centro de Estudios Mineduc (2012), generaron acciones adecuadas para la intervención, dotando de nuevas experiencias de aprendizaje que proporcionen más y mejores competencias útiles para su nuevo desempeño como universitario. De esta manera, el sistema universitario no solamente debe saber caracterizar el perfil de ingreso de sus estudiantes, sino también usar dicha información para corregir estos defectos y hacer un uso racional de los recursos (Ríos, 2010). A esto se debe sumar lo que se pueda prever para que el sistema de acompañamiento de cuenta del trayecto formativo de los estudiantes y así cumplir con lo declarado en los perfiles de egreso de cada carrera. Programa de monitoreo, apoyo y seguimiento Haciéndose cargo de esta realidad nacional y en particular la de la Escuela de Psicología se ha diseñado un programa de monitoreo, apoyo y seguimiento a estudiantes de primer año de psicología. Como punto de partida se realiza una sistematización de variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas de los estudiantes que ingresan para luego diseñar el programa de intervención. A continuación presentamos datos relevantes respecto a las características de nuestros estudiantes para luego dar a conocer la estrategia de intervención y sus resultados. 200 Caracterización de estudiantes de psicología cohortes 2014-2015 En los últimos 4 años han ingresado 180 estudiantes en promedio anual a la carrera de psicología sede Santiago y en base a esta muestra hemos sistematizado información entregada por Vicerrectoría Académica de la Universidad Central, entidad a cargo de realizar anualmente evaluaciones a todos los estudiantes que ingresan a la institución para caracterizar perfil de ingreso de sus estudiantes, considerando variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas, con el fin de contar con información que permita diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico a los estudiantes. En este sentido, la intervención que se plantea en este artículo, busca caracterizar las historias de vida de los estudiantes que ingresan a la educación superior, con el fin de identificar las debilidades que los nuevos estudiantes tienen y así poder diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico, considerando la multiplicidad de factores que influyen en el desempeño de los estudiantes. (Braxton, Johnson y Shown Sullivan 1997). En MINEDUC - Centro de Estudios Mineduc (2012), generaron acciones adecuadas para la intervención, dotando de nuevas experiencias de aprendizaje que proporcionen más y mejores competencias útiles para su nuevo desempeño como universitario. De esta manera, el sistema universitario no solamente debe saber caracterizar el perfil de ingreso de sus estudiantes, sino también usar dicha información para corregir estos defectos y hacer un uso racional de los recursos (Ríos, 2010). A esto se debe sumar lo que se pueda prever para que el sistema de acompañamiento de cuenta del trayecto formativo de los estudiantes y así cumplir con lo declarado en los perfiles de egreso de cada carrera. Programa de monitoreo, apoyo y seguimiento Haciéndose cargo de esta realidad nacional y en particular la de la Escuela de Psicología se ha diseñado un programa de monitoreo, apoyo y seguimiento a estudiantes de primer año de psicología. Como punto de partida se realiza una sistematización de variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas de los estudiantes que ingresan para luego diseñar el programa de intervención. A continuación presentamos datos relevantes respecto a las características de nuestros estudiantes para luego dar a conocer la estrategia de intervención y sus resultados. 200 Caracterización de estudiantes de psicología cohortes 2014-2015 En los últimos 4 años han ingresado 180 estudiantes en promedio anual a la carrera de psicología sede Santiago y en base a esta muestra hemos sistematizado información entregada por Vicerrectoría Académica de la Universidad Central, entidad a cargo de realizar anualmente evaluaciones a todos los estudiantes que ingresan a la institución para caracterizar perfil de ingreso de sus estudiantes, considerando variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas, con el fin de contar con información que permita diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico a los estudiantes. En este sentido, la intervención que se plantea en este artículo, busca caracterizar las historias de vida de los estudiantes que ingresan a la educación superior, con el fin de identificar las debilidades que los nuevos estudiantes tienen y así poder diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico, considerando la multiplicidad de factores que influyen en el desempeño de los estudiantes. (Braxton, Johnson y Shown Sullivan 1997). En MINEDUC - Centro de Estudios Mineduc (2012), generaron acciones adecuadas para la intervención, dotando de nuevas experiencias de aprendizaje que proporcionen más y mejores competencias útiles para su nuevo desempeño como universitario. De esta manera, el sistema universitario no solamente debe saber caracterizar el perfil de ingreso de sus estudiantes, sino también usar dicha información para corregir estos defectos y hacer un uso racional de los recursos (Ríos, 2010). A esto se debe sumar lo que se pueda prever para que el sistema de acompañamiento de cuenta del trayecto formativo de los estudiantes y así cumplir con lo declarado en los perfiles de egreso de cada carrera. Programa de monitoreo, apoyo y seguimiento Haciéndose cargo de esta realidad nacional y en particular la de la Escuela de Psicología se ha diseñado un programa de monitoreo, apoyo y seguimiento a estudiantes de primer año de psicología. Como punto de partida se realiza una sistematización de variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas de los estudiantes que ingresan para luego diseñar el programa de intervención. A continuación presentamos datos relevantes respecto a las características de nuestros estudiantes para luego dar a conocer la estrategia de intervención y sus resultados. 200 Caracterización de estudiantes de psicología cohortes 2014-2015 En los últimos 4 años han ingresado 180 estudiantes en promedio anual a la carrera de psicología sede Santiago y en base a esta muestra hemos sistematizado información entregada por Vicerrectoría Académica de la Universidad Central, entidad a cargo de realizar anualmente evaluaciones a todos los estudiantes que ingresan a la institución para caracterizar perfil de ingreso de sus estudiantes, considerando variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas, con el fin de contar con información que permita diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico a los estudiantes. En este sentido, la intervención que se plantea en este artículo, busca caracterizar las historias de vida de los estudiantes que ingresan a la educación superior, con el fin de identificar las debilidades que los nuevos estudiantes tienen y así poder diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico, considerando la multiplicidad de factores que influyen en el desempeño de los estudiantes. (Braxton, Johnson y Shown Sullivan 1997). En MINEDUC - Centro de Estudios Mineduc (2012), generaron acciones adecuadas para la intervención, dotando de nuevas experiencias de aprendizaje que proporcionen más y mejores competencias útiles para su nuevo desempeño como universitario. De esta manera, el sistema universitario no solamente debe saber caracterizar el perfil de ingreso de sus estudiantes, sino también usar dicha información para corregir estos defectos y hacer un uso racional de los recursos (Ríos, 2010). A esto se debe sumar lo que se pueda prever para que el sistema de acompañamiento de cuenta del trayecto formativo de los estudiantes y así cumplir con lo declarado en los perfiles de egreso de cada carrera. Programa de monitoreo, apoyo y seguimiento Haciéndose cargo de esta realidad nacional y en particular la de la Escuela de Psicología se ha diseñado un programa de monitoreo, apoyo y seguimiento a estudiantes de primer año de psicología. Como punto de partida se realiza una sistematización de variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas de los estudiantes que ingresan para luego diseñar el programa de intervención. A continuación presentamos datos relevantes respecto a las características de nuestros estudiantes para luego dar a conocer la estrategia de intervención y sus resultados. 200 Caracterización de estudiantes de psicología cohortes 2014-2015 En los últimos 4 años han ingresado 180 estudiantes en promedio anual a la carrera de psicología sede Santiago y en base a esta muestra hemos sistematizado información entregada por Vicerrectoría Académica de la Universidad Central, entidad a cargo de realizar anualmente evaluaciones a todos los estudiantes que ingresan a la institución para caracterizar perfil de ingreso de sus estudiantes, considerando variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas, con el fin de contar con información que permita diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico a los estudiantes. En este sentido, la intervención que se plantea en este artículo, busca caracterizar las historias de vida de los estudiantes que ingresan a la educación superior, con el fin de identificar las debilidades que los nuevos estudiantes tienen y así poder diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico, considerando la multiplicidad de factores que influyen en el desempeño de los estudiantes. (Braxton, Johnson y Shown Sullivan 1997). En MINEDUC - Centro de Estudios Mineduc (2012), generaron acciones adecuadas para la intervención, dotando de nuevas experiencias de aprendizaje que proporcionen más y mejores competencias útiles para su nuevo desempeño como universitario. De esta manera, el sistema universitario no solamente debe saber caracterizar el perfil de ingreso de sus estudiantes, sino también usar dicha información para corregir estos defectos y hacer un uso racional de los recursos (Ríos, 2010). A esto se debe sumar lo que se pueda prever para que el sistema de acompañamiento de cuenta del trayecto formativo de los estudiantes y así cumplir con lo declarado en los perfiles de egreso de cada carrera. Programa de monitoreo, apoyo y seguimiento Haciéndose cargo de esta realidad nacional y en particular la de la Escuela de Psicología se ha diseñado un programa de monitoreo, apoyo y seguimiento a estudiantes de primer año de psicología. Como punto de partida se realiza una sistematización de variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas de los estudiantes que ingresan para luego diseñar el programa de intervención. A continuación presentamos datos relevantes respecto a las características de nuestros estudiantes para luego dar a conocer la estrategia de intervención y sus resultados. 200 Caracterización de estudiantes de psicología cohortes 2014-2015 En los últimos 4 años han ingresado 180 estudiantes en promedio anual a la carrera de psicología sede Santiago y en base a esta muestra hemos sistematizado información entregada por Vicerrectoría Académica de la Universidad Central, entidad a cargo de realizar anualmente evaluaciones a todos los estudiantes que ingresan a la institución para caracterizar perfil de ingreso de sus estudiantes, considerando variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas, con el fin de contar con información que permita diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico a los estudiantes. En este sentido, la intervención que se plantea en este artículo, busca caracterizar las historias de vida de los estudiantes que ingresan a la educación superior, con el fin de identificar las debilidades que los nuevos estudiantes tienen y así poder diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico, considerando la multiplicidad de factores que influyen en el desempeño de los estudiantes. (Braxton, Johnson y Shown Sullivan 1997). En MINEDUC - Centro de Estudios Mineduc (2012), generaron acciones adecuadas para la intervención, dotando de nuevas experiencias de aprendizaje que proporcionen más y mejores competencias útiles para su nuevo desempeño como universitario. De esta manera, el sistema universitario no solamente debe saber caracterizar el perfil de ingreso de sus estudiantes, sino también usar dicha información para corregir estos defectos y hacer un uso racional de los recursos (Ríos, 2010). A esto se debe sumar lo que se pueda prever para que el sistema de acompañamiento de cuenta del trayecto formativo de los estudiantes y así cumplir con lo declarado en los perfiles de egreso de cada carrera. Programa de monitoreo, apoyo y seguimiento Haciéndose cargo de esta realidad nacional y en particular la de la Escuela de Psicología se ha diseñado un programa de monitoreo, apoyo y seguimiento a estudiantes de primer año de psicología. Como punto de partida se realiza una sistematización de variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas de los estudiantes que ingresan para luego diseñar el programa de intervención. A continuación presentamos datos relevantes respecto a las características de nuestros estudiantes para luego dar a conocer la estrategia de intervención y sus resultados. 200 Caracterización de estudiantes de psicología cohortes 2014-2015 En los últimos 4 años han ingresado 180 estudiantes en promedio anual a la carrera de psicología sede Santiago y en base a esta muestra hemos sistematizado información entregada por Vicerrectoría Académica de la Universidad Central, entidad a cargo de realizar anualmente evaluaciones a todos los estudiantes que ingresan a la institución para caracterizar perfil de ingreso de sus estudiantes, considerando variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas, con el fin de contar con información que permita diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico a los estudiantes. En este sentido, la intervención que se plantea en este artículo, busca caracterizar las historias de vida de los estudiantes que ingresan a la educación superior, con el fin de identificar las debilidades que los nuevos estudiantes tienen y así poder diseñar estrategias de apoyo académico y psicológico, considerando la multiplicidad de factores que influyen en el desempeño de los estudiantes. (Braxton, Johnson y Shown Sullivan 1997). En MINEDUC - Centro de Estudios Mineduc (2012), generaron acciones adecuadas para la intervención, dotando de nuevas experiencias de aprendizaje que proporcionen más y mejores competencias útiles para su nuevo desempeño como universitario. De esta manera, el sistema universitario no solamente debe saber caracterizar el perfil de ingreso de sus estudiantes, sino también usar dicha información para corregir estos defectos y hacer un uso racional de los recursos (Ríos, 2010). A esto se debe sumar lo que se pueda prever para que el sistema de acompañamiento de cuenta del trayecto formativo de los estudiantes y así cumplir con lo declarado en los perfiles de egreso de cada carrera. Programa de monitoreo, apoyo y seguimiento Haciéndose cargo de esta realidad nacional y en particular la de la Escuela de Psicología se ha diseñado un programa de monitoreo, apoyo y seguimiento a estudiantes de primer año de psicología. Como punto de partida se realiza una sistematización de variables sociodemográficas, socioeducativas y psicológicas de los estudiantes que ingresan para luego diseñar el programa de intervención. A continuación presentamos datos relevantes respecto a las características de nuestros estudiantes para luego dar a conocer la estrategia de intervención y sus resultados. 200 Caracterización de estudiantes de psicología cohortes 2014-2015 En los últimos 4 años han ingresado 180 estudiantes en promedio anual a la carrera de psicología



La nueva asignatura escogida eranaban a cada el 226 programa para la implementación de la disciplina, con el reglamento elaborado por los estudiantes y la sematización y que estaba obteniendo resultados muy favorables. "Regala un pescado a un hombre y le das alimento para un día, enséñale a pescar y lo alimentaras para el resto de su vida".

Revista de Artes y Humanidades UNICU, vol. 8, núm. 18, enero-abril, 2007, pp. 126-148 Universidad Católica Cecilio Acosta Maracaibo, Venezuela. Consultado en: RAE (2014) Diccionario de la lengua española, edición 23. España Skinner, B. (1977) "Ciencia y conducta humana". Editorial Fontanella, Barcelona, España Valdes, A. Martínez, M., Vales, J. (2010) Percepciones de Docentes con respecto a la Disciplina en la Escuela. Revista Psicoeducativa Iberoamericana, vol. 18, núm. 1, enero-junio, 2010, pp. 30-37. Universidad Iberoamericana, México 227-171. LA TRAYECTORIA ESCOLAR COMO ELEMENTO PREDICTOR PARA LA TITULACIÓN EN EGRESADOS DE LICENCIATURA EN PSICOLOGÍA

reducir los índices de reprobación, ausentismo, deserción e incrementar la eficiencia terminal. Diferentes estudiosos han apostado a la familia, aspectos que nos permiten establecer algunos factores relacionados al desempeño académico, dentro ellos se asocian fenómenos tales como: reprobación, ausentismo, deserción, eficiencia terminal, y la titulación, entre otros. En este sentido, la titulación referida a la obtención de un título académico, es un indicador medible para las instituciones educativas y que en muchos casos representa la eficiencia y eficacia de la propia institución. De las categorías que se determinan y analizan son concluyentes para definir opciones de titulación de la Facultad de Ciencias de la Conducta de la Universidad Autónoma del Estado de México. Investigaciones y publicaciones relacionadas con Trayectoria Escolar. Psicología Social y Psicología del Deporte. [email protected] 16 Doctora en Ciencias de la Educación, Maestra en Educación Superior, Licenciada en Psicología. Profesora-Investigadora de Tiempo Completo de la Facultad de Ciencias de la Conducta de la Universidad Autónoma del Estado de México. Investigaciones y publicaciones relacionadas con la psicología educativa: currículo, TIC aplicadas a la educación. [email protected] 17 Candidata a Doctora en Ciencias de la Educación, Maestra en Administración, Licenciada en Psicología. Profesora-Investigadora de Tiempo Completo de la Facultad de Ciencias de la Conducta de la Universidad Autónoma del Estado de México. Investigaciones y publicaciones relacionadas con la psicología educativa y organizacional. [email protected] 18 Candidato a Doctor en Educación, Maestro en Administración, Licenciado en Psicología. Profesor-Investigador de Tiempo Completo de la Facultad de Ciencias de la Conducta de la Universidad Autónoma del Estado de México. Investigaciones y publicaciones relacionadas con valores y psicología organizacional. [email protected] 228 Finalmente, se concluye que el estudio de trayectorias escolares puede generar categorías que describan las comunidades estudiantiles en instituciones de educación y con ello predecir formas de titulación para los egresados de la licenciatura en psicología. Palabras claves: Trayectoria Escolar, desempeño académico, eficiencia terminal, titulación. Summary The school career is characterized by the transformation of academic field, which at the same time incorporates a personal training, including to this culture, family ideology, values, workplace, and social role, among others. The purpose of the School history is to identify subpopulations of students according to their academic performance to support strategies and reduce failure rates, absenteeism, dropout and increasing terminal efficiency. The categories that are determined and analyzed as conclusive to define degree options are: on academic achievement, publishing scholarly article, thesis, dissertation, General Bachelor Exit Exam, memory of professional practices. Finally, it is concluded that the study of school trajectories can create categories to describe the student communities in educational institutions and thus predict forms of certification for graduates of the bachelor's degree in psychology. Keywords: academic performance, school career, degree, terminal efficiency. INTRODUCCIÓN Se dice que la educación es uno de los pilares que sostienen el desarrollo de toda nación, que es en la educación en donde se encuentra el futuro de México y por tanto se debe prestar especial atención a todos aquellos indicadores que forman parte de este concepto y al mismo tiempo se debe analizar de la manera más asertiva posible todas aquellas medidas que se han emprendido en materia educativa con la finalidad de observar si realmente son útiles y funcionales para los fines planteados. Para fortalecer la Educación Superior es necesario generar estudios serios que permitan evaluar los recursos, las estructuras y los procedimientos con los que opera y los resultados que produce; no hacerlo significa orientarse con impresiones, prejuicios o acciones que aun con buena fe, pueden llevarnos a acciones contrarias a las deseadas. (Chain, 1995) En relación a esto la Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior sostiene que 229 la educación superior tiene como demandas precisas; lograr la calidad y pertinencia académica, crecer en la medida que lo exige el desarrollo del país, asegurar la oportunidad de ingreso a estudiantes con motivación y aptitudes para cursar estudios superiores, independientemente de sus condiciones económicas, vincularse más estrechamente con la sociedad, realizar reordenamientos orientados a acrecentar la eficiencia terminal, la producción de nuevos conocimientos, la actualización de la planta docente, la investigación científica y tecnológica, el fortalecimiento de la vinculación con la sociedad y la participación en la vida social y cultural de la comunidad. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional y social. (CENES, 2003) En consecuencia, la educación superior debe ser un espacio de desarrollo humano, de crecimiento personal, de adquisición de conocimientos y de formación de valores, que permita a los estudiantes adquirir las competencias necesarias para enfrentar los desafíos de la vida profesional



[illegible]



[illegible]



[illegible]



[illegible]

en que las personas manifiestan que están satisfechos con su vida, con sus familias, amigos, empleo etc. (Avia y Vásquez, 2011) aspectos urgentes y esenciales en los procesos de reeducación de conductas delictivas, con la expectativa que se reduzca la reincidencia de la ley. 355 5 - MODELO PSICOGERONTOLÓGICO INTEGRAL EN CONSTRUCCIÓN DE VEJEZ ACTIVA Y SATISFACTORIA EN EL C.B.A DE BUCARAMANGA AUTÓRES: Margie Stefania Quintero Mantilla. \*Estudiante de Psicología 10º Semestre, Miembro Semillero Calidad de Vida en la Tercera edad. Universidad Pontificia Bolivariana, Seccional Bucaramanga. Contacto: margie.quintero@upb.edu.co. Ara Mercedes Cerquera Córdoba; \*\*Ps. Esp. Doctoranda en Ciencias Psicológicas. Docente Investigadora y Coordinadora de la Especialización en Psicología Clínica. Universidad Pontificia Bolivariana, Seccional Bucaramanga. Contacto: [email protected] Universidad Pontificia Bolivariana de Bucaramanga Colombia Resumen Es evidente que los adultos mayores institucionalizados se encuentran expuestos a condiciones que provocan con el tiempo una serie de efectos negativos y estados de inactividad, aburrimiento y frustración (Krassioievitch, 1993). El presente proyecto se realizó con el objetivo de contribuir a la construcción de una vejez más activa, satisfactoria y saludable en adultos mayores del Centro de Bienestar del Anciano de Bucaramanga, Santander; implementando, así mismo, pautas asertivas en pro a la mejora del clima laboral en esta institución. La muestra seleccionada estuvo compuesta, principalmente, por alrededor de 45 adultos mayores, 24 empleados de planta y 20 familiares de adultos mayores y se llevó a cabo en base al Modelo Psicogerontológico Integral de Cerquera & Prada (2010), compuesto por seis líneas de intervención: (a) Clínica, (b) Lúdico-educativa, (c) Grupos y líderes, (d) Interdisciplinaria, (e) Neuropsicológica y (f ) Familia; empleando estrategias como talleres reflexivos y psicoeducativos, ocio terapéutico, familihogares, estimulación cognitiva, socioterapia, arteterapia y el trabajo interdisciplinar con áreas como fisioterapia, terapia ocupacional y enfermería. Entre los resultados, se confirma la relevancia del ocio como promotor de bienestar (Monteagudo, Cuenca y San Salvador, 2014) y los beneficios de la terapia artística en procesos de motivación, interacción y el desarrollo socio-emocional en los gerontes (Carrascal & Solera, 2014). Además, se resalta la mejora frente al ejercicio constante de los procesos cognitivos, ya que el 90% de los adultos mayores evaluados evidenciaron un progreso en su estado. Finalmente, se reflejo la importancia del rol del psicólogo en la resignificación del proceso de envejecer y su contribución en la potencialización de capacidades de los gerontes, encontrándose, además, una relación significativa entre el trabajo organizacional con el personal de estas instituciones y la calidad de atención asistencial brindada. 356 Palabras clave Vejez, salud, calidad de vida, bienestar. Abstract It is clearly that senior citizens are exposed to conditions that cause a number of negative effects, states inactivity, boredom and frustration, over time (Krassioievitch, 1993). This project was conducted with the aim of contributing to the construction of a more active, satisfying and healthy adulthood in senior citizens who are at a residential care facility named "Centro de Bienestar del Anciano de Bucaramanga, Santander". It also aims at implementing, assertive guidelines towards improving the working environment in this institution. The sample was composed by 45 senior citizens, 24 full time employees and 20 relatives of the senior citizens and was based on the Integral Psychogerontological Model by Cerquera & Prada (2010). It consists of six lines of action: (a) Clinical, (b) recreational and educational, (c) groups and leaders, (d) Interdisciplinary (e) Neuropsychological and (f ) Family. It uses strategies such as and psychoeducational workshops, therapeutic leisure, brochures, cognitive stimulation, social therapy, art therapy and interdisciplinary work with areas such as physiotherapy, occupational therapy and nursing. Among the results, were confirmed the relevance of the leisure as promoter or welfare (Monteagudo, Cuenca and San Salvador, 2014) and the benefits of art therapy in motivational processes, interaction and socio-emotional development in senior citizens (Carrascal & Solera, 2014). In addition, the importance of the constant exercising of the cognitive processes, as 90% of the senior citizens showed progress in their state inicial. Finally, the relevance of the role of the psychologist in the redefinition of the aging process and his contribution in potentiating of the capacities of senior citizens. It was also discovered a significant correlation between the organizational work with the staff of these institutions and the quality of service offered to. Key words Aging, health, quality of life, wellness. Introducción y referente conceptual La vejez es una etapa en la que, como en las otras etapas del desarrollo, se presentan un sin número de cambios multifactoriales tanto a nivel físico como cognoscitivo, afectivo y social. Tradicionalmente, se ha concebido erradamente a la vejez como un proceso degenerativo, asociado a enfermedad, pérdida completa de funcionalidad y capacidades cognoscitivas. Estas afirmaciones teóricas, día a día han ido contribuyendo a la formación de un extenso repertorio de estereotipos y mitos alrededor de la vejez y del adulto mayor que han ido desencadenando con el paso de los años un abandono sustancial de este sector poblacional y una serie de imaginarios negativos de la sociedad de lo que es el proceso de envejecer. Al involucrarse con adultos mayores, las problemáticas entorno a la institucionalización y la vejez es de gran relevancia intervenir desde una perspectiva "satisfactoria, saludable, productiva e innovadora" (Monteagudo, Cuenca, & San Salvador, 2014) de la vejez, apuntando a la disminución del aislamiento, aburrimiento e inactividad; condiciones que a largo plazo pueden desencadenar en enfermedades y afectaciones crónicas de la salud. Así mismo, se hace imprescindible abordar lo relacionado a los cuidadores y demás personas que hacen parte del entorno de esta población, ya que al un adulto mayor presentar trastorno neurocognitivo mayor o algún tipo de deterioro que lo incapacite, la carga y desgaste físico-emocional es desmensurable; y esto aparte de repercutir en la salud de la persona puede desencadenar y evidenciarse en conflictos laborales. Según Arita (2001) citado en Hernández (2006) este estrés puede aparecer con frecuencia en el ámbito laboral, es de tipo organizacional, crónico y cotidiano; y surge en situaciones de un trabajo no lo suficientemente recompensado que exige entrega en situaciones emocionales de alta demanda, causa deterioro psicológico y es el principal componente de una moral baja o ausentismo, se desarrolla entonces un autoconcepto negativo y actitudes igualmente negativas hacia el trabajo. Entre los estresores más importantes se encuentran los siguientes: sobrecarga cuantitativa de trabajo, dificultades con otros miembros del personal, problemas sindicales, tratamiento en condiciones críticas de enfermedad, casos difíciles, subutilización de habilidades, ambigüedad acerca del futuro, falta de autonomía y tiempo, la escasez de recursos y bajos salarios, el sistema de turnos, las relaciones con los demás trabajadores, la imposibilidad de elegir a los compañeros de trabajo, la falta de reconocimiento, las fluctuaciones en la cantidad de trabajo, la desorganización de la institución y conflictos con la autoridad (Hernández, 2006). De esta manera, las cuestiones como el trabajo en equipo, el desarrollo de metas, el fortalecimiento y el ejercicio de un buen liderazgo, pautas de comunicación, manejo emocional y resolución de conflictos, son algunas de las temáticas que pueden contribuir al correcto encaminamiento de una organización, en este caso un centro de salud y atención al adulto mayor, y aportar herramientas de afrontamiento y solución de problemas a los miembros de la misma, teniendo en cuenta la gran presión laboral a la que muchas veces se ven sometidos. Según Cohen et al. (1997); Ellis et al. (2005) y Park et. al (2005), citado por Torrelles, Coiduras, Carrera, París y Cela (2011), para poder realizar